

## Vocações, projecções e satisfação com os trajectos académicos na FLUP

*Dr. Luís Grosso Correia, Dr<sup>a</sup>. Maria do Sameiro Araújo e Dr. Paulo Jorge Santos*

O presente trabalho fundamenta-se num inquérito realizado em Maio de 1998 que abrangeu uma amostra de 297 alunos do 4<sup>o</sup> ano curricular dos cursos e variantes com ramos de formação diferenciados. Com este inquérito visou-se tornar mais extensiva a análise das opiniões dos alunos relativamente, por um lado, às experiências curriculares e pedagógicas realizadas na FLUP e, por outro, às projecções que fazem sobre o seu futuro profissional. Dadas as limitações de tempo inerentes ao II Encontro de Questões Pedagógicas, e dada a extensão do trabalho exploratório realizado, apresentam-se somente os resultados considerados mais significativos.

O Ensino Superior conheceu em Portugal, nos últimos anos, um crescimento do ponto de vista quantitativo verdadeiramente notável. A multiplicação de cursos do ensino universitário e politécnico, ao nível público, privado e cooperativo, fez crescer a população escolar de forma muito significativa (Anexo 1). Simultaneamente, a aspiração à obtenção de um diploma de nível superior constitui um dos dados mais marcantes da juventude portuguesa actual (Alves, 1998). Para centenas de milhares de jovens as instituições de Ensino Superior emergiram como um contexto de desenvolvimento fundamental antes do ingresso no mundo do trabalho. Esta população constitui, actualmente, um alvo privilegiado de investigação por parte das ciências sociais, em particular da sociologia e da psicologia (cf. Casanova, 1993; Costa & Campos, 1991; Ferreira, 1991).

O estudo cujos resultados aqui apresentamos insere-se nesta linha de investigação, e pretendeu, essencialmente, atingir os seguintes objectivos:

- i) avaliar a satisfação sentida pelos alunos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) quanto ao curso frequentado e, mais especificamente, quanto ao Ramo de Formação Educacional (RFE);
- ii) analisar as projecções e aspirações dos alunos quanto ao seu futuro profissional e educacional mais imediato;
- iii) contribuir para uma política de avaliação da FLUP no que se refere aos eventuais impactos que os seus cursos exercem sobre os alunos que os frequentam.

A construção do questionário que serviu de base para a recolha dos dados seguiu os passos habitualmente dados com este tipo de instrumento. Uma primeira versão do questionário foi testada com uma pequena amostra de sujeitos. Na sequência deste pré-teste foram introduzidas pequenas modificações na redacção de algumas questões e nas instruções de preenchimento.

O questionário, na sua totalidade, inclui um total de 32 questões que se centram em três grandes categorias: identificação da amostra, níveis de satisfação sentidos com o curso frequentado e ramo de formação e, por último, projecções sobre o futuro profissional e educacional próximo. Na sua esmagadora maioria as questões colocadas são de tipo fechado. Nalguns casos pedia-se aos sujeitos que indicassem a resposta a uma determinada questão (ex. idade). Noutros era pedido que indicassem a resposta mais adequada a partir de um determinado conjunto de respostas possíveis (ex. habilitações académicas dos pais). Noutra ainda pediu-se a ordenação de um conjunto de alternativas de resposta referentes a cada caso pessoal (critérios que estiveram na base da opção pelo ramo de formação frequentado). Finalmente, para avaliar a satisfação sentida com o curso e com o ramo de formação, assim como com determinados aspectos relativos a projectos profissionais futuros, optou-se por uma escala tipo Likert<sup>1</sup>, com seis alternativas de resposta, para assinalar a concordância ou discordância relativamente a um conjunto de afirmações.

Os questionários foram preenchidos em tempos lectivos cedidos por professores de diversas disciplinas e foram recolhidos no decurso da penúltima semana de aulas do ano lectivo de 1997/1998. A amostra foi constituída por

---

<sup>1</sup> Na escala que foi utilizada as alternativas de resposta variavam entre *Discordo Totalmente* e *Concordo Totalmente*.

alunos que frequentavam o 4º ano, oriundos de todas as licenciaturas ministradas na FLUP, com a excepção de Sociologia, único curso que não contempla o RFE no seu plano curricular. Os sujeitos foram escolhidos de forma não-aleatória, tendo sido informados do objectivo do estudo e do carácter confidencial dos dados individuais no decurso das instruções de preenchimento do questionário.

## 1. Identificação da Amostra

A amostra foi constituída por 297 alunos, o que representa 38,1% do universo dos alunos matriculados no 4º ano nas diversas licenciaturas existentes na FLUP, com a excepção já mencionada de Sociologia. A distribuição por género traduz a preponderância já habitual do género feminino nos cursos da FLUP: 253 sujeitos do género feminino (85,5%) contra 43 do género masculino (14,5%). A média de idades da amostra é de 23,9 anos.

No Anexo 2 indica-se a distribuição dos sujeitos da amostra pelos diferentes cursos e variantes. Saliente-se a importância, em termos percentuais, dos alunos que frequentam o RFE em contraste com os oriundos do Ramo Científico (RC) e de Tradução, das variantes do Curso de Línguas e Literaturas Modernas (LLM). Embora no universo do qual foi extraída a amostra esta preponderância seja evidente (os alunos do RFE representam mais de 75% dos alunos), no caso da nossa amostra estamos perante um valor que ultrapassa os 90%.

Tendo como objectivo caracterizar a proveniência sócio-cultural dos alunos da amostra, foi inquirido o domínio das habilitações académicas dos seus pais (Anexo 3). Uma primeira ilação a retirar é a de que a FLUP parece acompanhar de perto, numa escala macro-educativa, a estrutura da sociedade portuguesa segundo o grau de instrução dos seus efectivos (cf. o Anexo 4 com dados extraídos do censo populacional de 1991) ou ainda, numa escala micro-educativa, os resultados preliminares do estudo “Escola, Família e Amigos” (Sampaio, 1996, pp. 9-10) realizado com alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário.

Verifica-se, de igual modo, através dos dados recolhidos, a persistência da lógica das políticas educativas que dominaram uma parte da época contemporânea portuguesa: o crescimento da escolaridade na horizontal e nivelado pela base do edifício educativo, ou seja, nivelado pela escolaridade primária e obrigatória até 1964-65 (a 4ª classe). Embora residual é de destacar a percentagem do analfabetismo estrutural de alguns progenitores dos alunos.

Estes resultados parecem acompanhar de perto a estrutura das categorias sócio-profissionais dos pais dos alunos da amostra (Anexo 5). Destacam-se as elevadas percentagens de Aposentados (para os dois géneros) e de Domésticas (para o género feminino). Destaca-se, igualmente, a pequena e média burguesia proprietária (para o género masculino) ou dos serviços (para o género feminino), como as classes de origem dos alunos da nossa amostra.

A avaliar pelo cruzamento que se pode estabelecer entre as habilitações académicas e as categorias socio-profissionais dos progenitores dos alunos da amostra, poderemos estar perante um volume algo elevado de agregados domésticos de baixos recursos económicos, situação que é de alguma forma confirmada pelos quase 30% de alunos que declaram ser bolseiros dos Serviços Sociais da Universidade.

## 2. Satisfação com o Percurso Académico

A satisfação dos alunos da amostra relativamente aos quatro anos incompletos do curso de licenciatura, em geral, e ao RFE, em particular, é moderada (Anexos 6 e 7).<sup>2</sup> Notemos que a resposta a este conjunto de questões era dada através de uma escala tipo Likert, com a modalidade de resposta Muito Insatisfeito a ser cotada com 1 e a modalidade de resposta Muito Satisfeito a ser cotada com 6, pelo que a média aritmética que nos poderá servir de padrão para a interpretação dos resultados é de 3,5.

A satisfação global com os quatro anos incompletos já percorridos do curso de licenciatura é superior à satisfação global dos alunos com o RFE, diferença esta estatisticamente significativa: 3,56 contra 3,15 ( $Z = -5,937$ ,  $p < 0,001$ )<sup>3</sup>. Idêntico desnível, embora menos significativo em termos absolutos, verifica-se relativamente à satisfação com a qualidade da formação científica ministrada no conjunto da licenciatura e no RFE, 3,79 contra 3,54 ( $Z = -3,632$ ,  $p < 0,001$ ), embora, neste caso, as duas médias sejam superiores à média aritmética da escala. No que respeita à competência pedagógica a direcção da diferença

<sup>2</sup> Nos resultados que dizem respeito aos índices de satisfação iremos centrar a nossa análise sobre os alunos que frequentam o RFE uma vez que representam 91,6% da amostra. Qualquer comparação entre estes e os alunos de outros ramos de formação seria impossível, dada a sub-representação dos ramos de Tradução e Científico.

<sup>3</sup> Para a análise estatística das diferenças entre médias recorreremos ao teste de Wilcoxon (ver Pestana & Gageiro, 1998).

inverte-se, sendo a satisfação dos alunos mais elevada no RFE do que no cômputo geral da licenciatura, 3,35 contra 3,23 ( $Z = -2,295$ ,  $p < 0,001$ ), resultados estes que devem concitar uma premente reflexão por parte dos professores. Finalmente, no respeitante à satisfação dos alunos a nível relacional com os colegas de curso não se registam diferenças estatisticamente significativas (3,71 contra 3,63,  $Z = -1,241$ , *n.s.*)

Uma das nossas preocupações ao abordar o campo da satisfação dos alunos foi a de não apresentar apenas uma única questão, por exemplo, a satisfação global com a licenciatura e o RFE, mas criar um conjunto de níveis de análise sobre a questão da satisfação de modo a aprofundar a diversidade das respostas e estabelecer algum controlo crítico sobre a ponderação das mesmas. Neste sentido poderemos sintetizar a interpretação destes resultados da seguinte maneira:

- i)* As diferenças estatisticamente significativas de alguns resultados referentes ao nível de satisfação entre o curso de licenciatura e o RFE poder-se-ão explicar, provavelmente, pelo tamanho alargado da amostra, uma vez que, quando analisado o índice de magnitude do efeito das diferenças, encontramos, para todos os casos, efeitos de baixa magnitude;
- ii)* Por outro lado, numa análise estatística menos elaborada, calculamos a média dos valores médios em termos de satisfação a nível científico, pedagógico e relacional referentes ao curso de licenciatura (3,56), valor quase idêntico à satisfação global desses alunos a este nível (3,57). O mesmo não se passa com o RFE, no qual o valor de satisfação global é 3,15, sendo a média dos valores médios ao nível de satisfação no plano científico, pedagógico e relacional de 3,50, resultado muito próximo do calculado para o curso de licenciatura;
- iii)* A diferença que separa o grau de satisfação sentido entre o curso de licenciatura e o RFE, que, como já vimos, poderá resultar mais do tamanho da amostra do que de diferenças substantivas de apreciação, não pode, pois, ser explicado ao nível científico, pedagógico ou relacional. Pensamos, assim, que a diferença entre a satisfação dos alunos com o curso de licenciatura e com o RFE deverá ser procurada no quadro institucional e sistémico-curricular da FLUP.

Deste ponto de vista, há a salientar a especificidade do quadro legal da avaliação para os alunos do 4º ano do RFE. Essa especificidade é caracterizada pela imposição aos alunos da aprovação em todas as disciplinas do plano de

estudos do 4º ano até ao fim da época de avaliação final (leia-se mês de Julho), como condição necessária para a transição para o último ano do curso, constituído por Estágio e Seminário(s) Pedagógico(s). Esta condição particular das normas de avaliação em vigor na FLUP redundava num aumento de ansiedade e de pressão junto dos alunos, situação esta que, combinada com outros factores de natureza cognitiva e socio-afectiva, poderão, eventualmente, inibir uma melhor satisfação com o desempenho académico.

Em relação à engenharia curricular do RFE, ela não nos parece a mais adequada quer aos interesses dos alunos, quer aos interesses dos professores. Queixam-se, uns e outros, de que existe uma carga de disciplinas de Ciências da Educação demasiado pesada no 4º ano, designadamente nos cursos de LLM e Geografia, que retira alguma funcionalidade e capacidade de articulação entre os diferentes saberes em presença no interior de cada licenciatura.

Por outro lado, este maior peso das disciplinas de estrita formação educacional, combinado com o facto de serem as classificações finais obtidas nessas mesmas disciplinas que condicionarão as opções dos alunos a nível da colocação nos núcleos de estágio pedagógico no ano seguinte, poderá concorrer para uma maior sensibilidade dos alunos em relação ao modelo curricular do RFE, sobretudo perto do final do ano lectivo, altura em que foi aplicado o questionário no qual se baseia o presente trabalho.

Finalmente, não poderemos deixar de salientar o desequilíbrio que os alunos experimentam ao nível da rácio professor-aluno na maioria das disciplinas que integram o RFE. Este facto implica que a proximidade entre docentes e discentes e o acompanhamento destes últimos no seu percurso académico, para só mencionar estas duas variáveis, são fortemente prejudicados no quadro do RFE. Este facto deverá exercer, sem dúvida, uma influência importante nos resultados que acima apresentamos.

### 3. Vocações

Os níveis algo moderados de satisfação relativamente aos diversos níveis que decidimos inquirir junto dos alunos da nossa amostra não podem ser explicados pelo facto destes não terem ingressado nos cursos que frequentam como primeira opção de candidatura. Na realidade 86,5% dos alunos ingressaram nos cursos que frequentam como 1ª opção de candidatura no quadro do acesso ao Ensino Superior, 10,1% como 2ª opção, ficando reservadas às opções seguintes valores residuais que atingem somente os 3,4%. Estas percentagens são de

interpretação inequívoca: a grande maioria dos alunos inquiridos frequenta cursos de licenciatura que, ao que tudo indica, se integram em projectos de carreira que não foram impostos por determinadas circunstâncias adversas, nomeadamente pelas restrições associadas ao acesso ao Ensino Superior<sup>4</sup>.

No Anexo 8 são indicados os critérios que se encontram na base da opção pelo ramo de formação frequentado. Aos alunos era pedido que ordenassem, por ordem de importância, um conjunto de critérios previamente fornecidos, sem que fosse obrigatório escolher todos eles, sendo-lhes dada ainda a possibilidade de indicarem outros critérios não contemplados no questionário. O número de alunos que optou por esta alternativa foi diminuto, facto que indicia que o universo de critérios consagrados no questionário foi suficientemente diversificado para permitir explicar a esmagadora maioria das opções que se encontraram na base da opção pelo ramo de formação frequentado. Os dois critérios mais escolhidos pelos alunos prendem-se, claramente, com variáveis marcadamente internas, ou seja, com variáveis que dizem respeito a características pessoais e a projectos profissionais construídos pelos alunos. As respostas parecem indicar, sem grande margem de dúvidas, que a opção por um determinado ramo de formação parece ser consentânea com projectos de vida que foram minimamente estruturados e que os sujeitos inquiridos realizaram uma exploração das suas características pessoais de forma a construir os seus projectos profissionais. Se tomarmos em conta que a esmagadora maioria dos alunos que constituíram a amostra integra o RFE, então poderemos concluir, sem grande erro, que uma parte muito substancial destes alunos parece ter optado por uma carreira profissional ligada à docência que corresponde a uma escolha minimamente amadurecida e não a uma opção imposta por exclusão de alternativas. Aliás, a baixa percentagem de alunos que opta pelo critério 5 como primeira opção («É o ramo de formação que, entre as opções de escolha, considero ser um mal menor») situa-se nos 7,1%, facto que sustenta a interpretação que atrás avançamos. Parece, pois, poder afirmar-se que os projectos de carreira relacionados com a docência se afirmam como verdadeiros pontos de atracção, em termos motivacionais, para os alunos do 4º ano.

---

<sup>4</sup> No entanto, devemos ter em atenção o facto de não haver uma relação directa entre o curso de Ensino Superior escolhido como primeira opção e a colocação do aluno nesse mesmo curso. Esta observação decorre do cuidado que deveremos ter ao tratar os dados de natureza volitiva, pois que a satisfação, aparente ou concreta, dos alunos em frequentarem o curso de licenciatura que escolheram como primeira opção à saída do ensino secundário poderá ser o resultado de uma estratégia pessoal no sentido de adaptar o leque das opções de carreira universitária às classificações médias com que concorrem ao Ensino Superior.

#### 4. Projecções

Na última parte do questionário quisemos analisar como é que os alunos projectavam o seu futuro profissional e académico próximos (Anexo 9). A informação disponível quanto ao mercado de trabalho e às possibilidades de emprego parecem ser medianas, pelo que talvez se abra aqui um espaço de intervenção particularmente apropriado. Por exemplo, o Gabinete de Saídas Profissionais poderia desempenhar, neste âmbito, um trabalho de relevo, pese embora a dificuldade, quase sempre presente, em se ter acesso a informação fidedigna e actualizada no que respeita a esta matéria. Quanto à avaliação das possibilidades de encontrar um emprego no decurso do primeiro ano após a conclusão da licenciatura, as percepções dos alunos parecem ser razoavelmente pessimistas.

O cruzamento dos resultados destas duas primeiras questões não deixa de revelar um fenómeno curioso. O conhecimento do mercado de trabalho é percebido como moderado, mas este facto não impede os alunos de formarem um quadro algo ameaçador ao nível das perspectivas relacionadas com a possibilidade de encontrar um emprego após a conclusão da licenciatura.

É curioso notar, todavia, que este cenário relativamente ameaçador em termos das perspectivas de empregabilidade parece não ser suficiente para fazer com que, pelo menos neste momento, os alunos construam alternativas profissionais que se afastem do ramo de formação que frequentam. Um número relativamente elevado de alunos julga que irá encontrar um emprego na área profissional para a qual se orienta o seu ramo de formação, enquanto que um número ainda maior gostaria de desempenhar uma profissão relacionada com esse ramo de formação. Este último dado deverá ser lido em conjunto com os critérios para a escolha do ramo de formação que atrás fizemos referência. Sabendo que uma parte muito significativa dos alunos da amostra integra o RFE, podemos concluir, mais uma vez, que a carreira docente constitui uma dimensão estruturante nos projectos vocacionais de muitos alunos da FLUP.

Finalmente, quanto à apetência por formação pós-graduada, conducente ou não a um grau académico, parece poder constatar-se que uma parte significativa dos alunos sente apetência por esta formação. A esta situação não será estranho o facto de este tipo de formação, especialmente ao nível dos mestrados, ter conhecido, no nosso país, um aumento considerável nos últimos anos e se ter assistido a uma certa desvalorização do prestígio social da licenciatura pelo facto de esta ter alargado a sua base social.

Todavia, a percepção algo pessimista quanto à inserção no mercado de trabalho por parte dos alunos, a que já fizemos referência, permite ainda uma outra lei-

tura. O interesse na formação pós-licenciatura poderia ser concebido como o reflexo de uma estratégia de prolongamento da formação como forma de enfrentar um mercado de emprego percebido como difícil, situação que parece ser comum ao nível da juventude portuguesa (Pais, 1998). Qualquer que seja a interpretação mais correcta, e as duas não são incompatíveis entre si, parece aberto um mercado promissor para as instituições do Ensino Superior a este nível académico.

## 5. Conclusões

Os resultados deste inquérito permitem afirmar, mesmo considerando as limitações da metodologia de análise utilizada, que os níveis de satisfação globais dos alunos da amostra com o curso frequentado e com o RFE são medianos. Talvez um dos dados que mereça maior reflexão seja a relativa insatisfação ao nível pedagógico que os alunos relatam. Parece poder concluir-se que existe algum hiato entre a satisfação com a competência científica dos docentes da FLUP e a sua competência pedagógica, situação que seguramente merece ser aprofundada em trabalhos posteriores.

Uma outra conclusão que deverá ser realçada prende-se com os alunos que optaram pelo RFE. Trata-se de uma alternativa que claramente se relaciona com projectos profissionais que parecem constituir elementos estruturantes ao nível da identidade profissional de muitos jovens e não, como uma análise mais apressada e de senso comum poderia concluir, uma opção menor entre as alternativas disponíveis. Assim sendo, torna-se premente garantir ao RFE condições razoáveis para que o trabalho, com um tão elevado número de discentes, possa ser realizado da forma mais satisfatória possível para alunos e professores com o objectivo de responder, com uma maior eficácia, às aspirações de uma parte importante dos nossos alunos.

Desde 1987 que a FLUP reorientou a saída da maioria dos seus licenciados para o mercado de trabalho da docência do ensino não-superior através da criação do RFE. Neste segmento do mercado de trabalho competem com a FLUP outros estabelecimentos de Ensino Superior, ora politécnico ou universitário, ora oficial, privado ou cooperativo. No entanto, a FLUP não cuidou, e não cuida ainda, de encontrar as chaves das respostas para esta nova cultura de competição que está instalada no terreno educativo. Dada a exiguidade de opções que são oferecidas a nível de ramos de formação, há a considerar que a responsabilidade institucional nessa decisão tem um peso demasiado elevado, dado que a FLUP não operacionaliza nem promove a diversidade de formações

no seu interior para além das já conhecidas desde 1987: RFE, RC e, para as variantes bilíngues de LLM, Ramo de Tradução. Perante este quadro crescem as responsabilidades da FLUP a nível da arquitectura curricular dos diferentes cursos de licenciatura, nomeadamente em termos de especificações terminais ou ramos de formação, já que será lícito pensar que os alunos, pelo menos à entrada do Ensino Superior, transportam consigo um conjunto de representações sobre a eficácia da licenciatura enquanto estratégia de mobilidade social e profissional, representações estas que, nalguns casos, poderão não vir a ser satisfeitas face à saturação evidente de alguns cursos ao nível das saídas profissionais. A criação de outras alternativas de formação poderia fazer com que os cursos de FLUP penetrassem noutros mercados de trabalho, para além daqueles que habitualmente são seus, e, eventualmente, criar um maior equilíbrio em termos do número de alunos pelos diferentes ramos de formação, com óbvias vantagens para a difícil gestão do sobrelotado RFE.

O presente trabalho, de natureza marcadamente exploratória, carece de um desenvolvimento que permita apertar a malha de análise dos factores que foram objecto de análise do questionário utilizado. Esta análise só poderá ser executada em trabalhos ulteriores, assim como o desenvolvimento de outros domínios de investigação, convergentes e/ou complementares do presente estudo. Destes domínios destacam-se, a título de exemplo, e seguindo uma lógica de sistema (input, processo e output): a criação de mecanismos que leve a FLUP a identificar e a avaliar, num sentido formativo, o perfil académico, designadamente no domínio cognitivo, dos alunos que nela se inscrevem pela primeira vez com vista a potenciar os níveis de satisfação desses mesmos alunos; a planificação de um sistema de qualificação e flexibilização dos curricula da FLUP que venha a permitir ao próprio aluno gerir, dentro de um determinado quadro institucional, os conteúdos da sua trajectória académica; a abertura da FLUP a formações pós-licenciatura de natureza especializada, complementar ou supletiva dentro das diferentes áreas científico-pedagógicas que a caracterizam com vista a atrair os seus licenciados, num momento civilizacional em que a esperança de vida escolar, mesmo a nível universitário, e a formação contínua tendem a aumentar.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, N. (1998) – «Escola e trabalho» in Manuel V. Cabral e José M. Pais (Coord.), *Jovens portuguesas hoje*, Oeiras: Celta, pp. 53-133.

- CASANOVA, J.L. (1993). «*Estudantes universitários: Composição social, representações e valores*». Lisboa: Instituto de Ciências Sociais/Instituto da Juventude.
- COSTA, M. & CAMPOS, B. P. (1991) – «Desenvolvimento do ego em contexto universitário», *Psychologica*, 7, 51-64.
- FERREIRA, J. A. G. A. (1991) – «As teorias interaccionistas e o desenvolvimento do estudante do ensino superior» *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXV, 91-105.
- PESTANA, M.H., & GAGEIRO, J.N. (1998). *Análise de dados para Ciências Sociais*. Lisboa: Sílabo.
- PAIS, J. M. (1998) – «Da escola ao trabalho: O que mudou nos últimos 10 anos?» in Manuel V. Cabral e José M. Pais (Coord.), *Jovens portugueses hoje*. Oeiras: Celta, pp. 189-214.
- SAMPAIO, D. (1997) – *Família, Escola e Amigos*. Lisboa: Ministério da Educação, 1996.

## ANEXO 1

Alunos e escolas do Ensino Superior segundo os sub-sistemas de ensino em 1985/86 e 1995/96.

Anos lectivos	Alunos Matriculados		Escolas		
	Ens. Superior	Ens. Sup. Oficial	Ens. Sup	Ens. Sup. Oficial	Ens. Universitário
1985-86	92.485	76.530	142	106	15
1995-96	319.525	203.858	290	160	a)

Fonte: *Estatísticas da Educação* – 1986. INE, 1988.

*Estatísticas da Educação 96*. DEAP/ME, 1998.

a) Não refere.

## ANEXO 2

Distribuição da amostra segundo o curso, variante e ramo de formação

Cursos	Ramo			N
	Científico	Educacional	Tradução	
Filosofia	1	13	-	14
Geografia	-	48	-	48
História	1	9	-	10
História – Arqueologia	4	16	-	20
História – Arte	3	7	-	10
LLM – Estudos Portugueses	-	14	-	14
LLM – Português/Francês	2	40	-	42
LLM – Português/Inglês	1	48	-	49
LLM – Português/Alemão	-	7	-	7
LLM – Francês/Inglês	4	26	3	33
LLM – Francês/Alemão	-	1	-	1
LLM – Inglês/Alemão	-	42	6	48
Total	16	271	9	296

II ENCONTRO DE QUESTÕES PEDAGÓGICAS

ANEXO 3

Habilitações académicas dos pais dos alunos da amostra (em %)

<i>Habilitações Académicas</i>	<i>Pai</i>	<i>Mãe</i>
1. Não sabe ler nem escrever	1,0	0,7
2. Sabe ler e escrever sem ter aprovado o Ensino Primário	2,7	4,4
3. 4ª Classe (4º ano de escolaridade)	52,6	56,5
4. 2º Ano do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário	12,7	9,9
5. 5º Ano Liceal ou equivalente	11,7	10,5
6. Ensino Secundário ou equivalente	7,9	6,5
7. Ensino Médio	1,7	5,4
8. Ensino Superior Politécnico	1,4	2,7
9. Ensino Superior Universitário	8,2	3,4

ANEXO 4

População portuguesa segundo os graus da instrução em 1991

<i>Instrução</i>	<i>População (em %)</i>		
	<i>HM</i>	<i>H</i>	<i>M</i>
Analfabetos (10 e + anos)	9,7	6,7	12,5
Ensino Primário	43,8	44,1	43,6
Ensino Preparatório	12,7	14,0	11,4
Ensino Secundário	19,5	21,3	17,9
Outro Ensino	6,3	4,3	6,4

Legenda: H - homens, M - mulheres

Fonte: *Censos 91*, INE, 1993.

ANEXO 5

Categorias socio-profissionais dos pais dos alunos da amostra (em %)

<i>Categoria socio-profissional</i>	<i>Pai</i>	<i>Mãe</i>
1. Grande proprietário/empresário	2,4	1,0
2. Profissional liberal	6,3	1,7
3. Quadro superior de Empresa ou da Função Pública	5,9	2,4
4. Pequeno ou médio proprietário/empresário	16,8	5,9
5. Quadro médio de Empresa ou da Função Pública	10,1	12,1
6. Professor	1,4	5,9
7. Trabalhador do Sector Primário	5,2	2,4
8. Trabalhador da Indústria (Sector Secundário)	14,3	5,2
9. Trabalhador do Comércio e Serviços (Sector Terciário)	12,2	7,6
10. Trabalhador indiferenciado	-	3,1
11. Doméstica(o)	0,3	38,1
12. Aposentado	21,0	21,1
13. Outra	3,8	2,4

## ANEXO 6

Satisfação global com o curso de licenciatura e  
satisfação segundo os domínios científico, pedagógico e relacional

Escala	Satisfação global		Satisfação científica		Satisfação pedagógica		Satisfação relacional	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>1</b>	10	3,4	5	1,7	11	3,7	8	2,7
<b>2</b>	21	7,2	24	8,3	67	22,6	41	13,9
<b>3</b>	92	31,7	90	31,3	98	33,1	77	26,0
<b>4</b>	130	44,8	97	33,7	84	28,4	90	30,4
<b>5</b>	35	12,1	64	22,2	35	11,8	66	22,3
<b>6</b>	2	7,0	8	2,8	1	0,3	14	4,7
<i>Média</i>	3,37	–	3,75	–	3,23	–	3,70	–

## ANEXO 7

Satisfação global com o Ramo de Formação Educacional e  
satisfação segundo os domínios científico, pedagógico e relacional

Escala	Satisfação global		Satisfação científica		Satisfação pedagógica		Satisfação relacional	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
<b>1</b>	15	5,6	4	1,5	8	3,0	6	2,3
<b>2</b>	62	23,0	36	13,7	51	18,9	36	13,6
<b>3</b>	89	33,1	89	33,8	91	33,7	81	30,6
<b>4</b>	80	29,7	91	34,6	81	30,0	80	30,2
<b>5</b>	22	8,2	38	14,4	36	13,3	50	18,9
<b>6</b>	1	0,4	5	1,9	3	1,1	12	4,5
<i>Média</i>	3,13	–	3,52	–	3,35	–	3,63	–

## ANEXO 8

Critérios de opção pelo Ramo de Formação frequentado dentro do curso de licenciatura

Critério	Frequência (em %)	Ordem de opção								
		1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	68,0	47,5	26,7	15,8	6,9	1,5	1,5	–	–	–
2	19,2	1,8	7,0	7,0	1,8	7,0	12,3	10,5	47,4	5,3
3	73,7	40,2	37,0	15,1	4,6	2,3	0,9	–	–	–
4	20,5	–	–	8,2	14,8	18	23	31,1	4,9	–
5	33,3	21,2	12,1	24,2	10,1	12,1	7,1	10,1	3,0	–
6	49,5	8,2	21,1	36,1	19,7	8,2	4,1	2,0	0,7	–
7	62,3	25,9	25,4	21,1	19,5	3,2	3,2	1,1	0,5	–
8	26,3	1,3	12,8	15,4	10,3	24,4	17,9	6,4	11,5	–
9	4,4	61,5	15,4	15,4	15,4	7,7	–	–	–	–

## Critérios:

- 1 – É o Ramo de Formação (RF) que mais se adequa às minhas características pessoais;
- 2 – Porque fiquei excluída(o) do(s) outro(s) Ramo(s) de Formação;
- 3 – É o RF que melhor se adequa aos meus projectos pessoais;
- 4 – É o RF no qual é possível alcançar classificações mais elevadas;
- 5 – É o RF que, entre as opções de escolha, considero ser um «mal menor»;
- 6 – É o RF que mais desafios me lança;
- 7 – É o RF que penso que me permitirá uma maior estabilidade socio-profissional;
- 8 – É o RF que me foi aconselhado por outro(s) (família, colegas, professores ...);
- 9 – Outro critério: .....

## ANEXO 9

Projeções respeitantes a emprego e formação académica num futuro próximo

Escala	A		B		C		D		E	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
1	14	4,7	32	10,9	8	2,7	2	0,7	26	8,9
2	43	14,6	75	25,5	35	11,9	6	2,0	33	11,3
3	89	30,2	90	30,6	68	23,2	30	10,2	52	17,7
4	64	21,7	48	16,3	67	22,9	45	15,3	45	15,4
5	74	25,1	35	11,9	77	26,3	74	25,2	46	15,7
6	11	3,7	14	4,8	38	13,0	137	46,6	91	31,1
Média	3,59		3,07		3,97		5,02		4,11	

Escala: 1 – Discordo totalmente; 6 – Concordo totalmente;

A – Encontro-me informada(o) sobre o mercado de trabalho e as possibilidades de emprego dentro da área para a qual se orienta o Ramo de Formação que frequento;

B – Julgo que irei encontrar um emprego no decurso do 1º ano após a conclusão da licenciatura;

C – Julgo que irei desempenhar uma profissão dentro da área para a qual se orienta o Ramo de Formação que frequento;

D – Gostaria de desempenhar uma profissão ligada à área para a qual se orienta o Ramo de Formação que frequento;

E – Gostaria de candidatar-me a um curso de formação pós-licenciatura (pós-graduação, mestrado ou doutoramento).